

A intervenção *galeguista* de Alfredo Guisado no âmbito da Semana Portuguesa na Galiza (1929)

Carlos Pazos Justo

Universidade do Minho – Grupo GALABRA (USC)

Palavras-chave: Alfredo Guisado, relações galaico-portuguesas.

Resumo: Pretende-se com este trabalho analisar a organização desde Portugal da Semana Portuguesa na Galiza (1929) e a sua articulação com agentes galegos interessados no contacto com Portugal. Neste quadro, além de enquadrar brevemente a relação do produtor com a Galiza, será objectivo desta comunicação esclarecer o envolvimento de Alfredo Guisado na campanha de propaganda organizada em Portugal, nomeadamente no *Diário de Notícias*. Serão destacados alguns textos do produtor em foco que têm passado despercebidos até a actualidade.

O presente trabalho enquadra-se dentro das pesquisas realizadas para o trabalho de investigação *Trajectória de Alfredo Guisado e sua relação com a Galiza (1910-1921)*, dissertação de Mestrado, cujo período de análise ia num princípio até 1936, fazendo com que foram recolhidos diversos materiais que finalmente, porque ficaram fora das balizas temporais, não foram objecto de análise pormenorizada no citado trabalho. No entanto, consideramos que estes e outros materiais precisam de uma abordagem própria para, em primeiro lugar, melhor esclarecer as sucessivas tomadas de posição de Alfredo Guisado, nomeadamente no que diz respeito à sua vinculação com o emergente campo cultural galego, assim como para ampliar o próprio corpus guisadiano; e em segundo lugar, contribuir para o melhor conhecimento, de um modo geral, das relações galego-portuguesas.

É já lugar comum dizer que “o mais injustiçado poeta de Orpheu é Alfredo Guisado...” como afirmou Óscar Lopes (1973). Sem entrar em valorações de *justiça*, neste caso *poética*, sim é possível afirmar que a posição outorgada desde o campo académico português ao produtor em foco é uma posição periférica, e, em todo o caso, muito dependente dos outros produtores de *Orpheu*, designadamente Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro. Por outra parte, na Galiza, Alfredo Guisado é praticamente um desconhecido, o qual numa primeira análise pode parecer um paradoxo¹. Deste modo, o conhecimento hoje existente sobre o produtor em foco e a sua relação com a Galiza desprende-se de um número reduzido de trabalhos pontuais entres os quais se destacam Alonso Estravis (1980) e Fernandes Camelo (1985). Esquemáticamente, cumpre ressaltar na trajectória de Alfredo Guisado desde 1910 até inícios da década de 20, relativamente à sua vinculação com a Galiza:

– A sua participação activa no enclave galego de Lisboa, especialmente no âmbito de Juventud de Galicia, instituição que agrupava a boa parte da colónia galega em Lisboa²;

¹ Se pensarmos nas necessidades de legitimação de um sistema literário e cultural com os défices apresentados pelo galego. De facto, e apesar de esforços pontuais, as relações galego-portuguesas contemporâneas não foram, em geral, objecto de estudos ambiciosos.

² Alfredo Guisado, filho de emigrantes galegos em Lisboa, manterá a sua relação com a Galiza, nas suas constantes deslocações a Ponte-areas e Mondariz, mas também dentro da auto-denominada *colónia galega*

– A sua vinculação ao movimento agrarista³ das terras do Condado, na Galiza, zona de origem dos seus pais (onde se destaca a sua intensa colaboração na publicação periódica *El Tea*) assim como no âmbito do enclave lisboeta, como activo promotor das iniciativas agraristas que visavam fortalecer o movimento na metrópole;

– E já contra finais da década de 1910 e começos da de 20, época em que surge o nacionalismo galego das Irmandades da Fala (ao que cedo se associa Alfredo Guisado) as suas actividades como agente do galeguismo em Lisboa que se verifica por exemplo: na propagação das teses do galeguismo, por exemplo aquando da organização dos frustrados Jogos Florais Luso-Galaicos de 1921 ou na publicação do conto *A Lareira – o Tio Xan* (Guisado, 1921b), e o já referido *Xente d’a Aldea. Versos Gallegos* (Guisado, 1921a), produtos literários que activam o repertório em construção no emergente campo cultural galego.

José António Fernandes Camelo no seu artigo de 1985 “Do galeguismo de Alfredo Pedro Guisado ou Pedro de Menezes” (Camelo, 1985), no qual se centra quase exclusivamente no papel de agente do galeguismo que Alfredo Guisado desempenhou até 1921, afirma “Alfredo Guisado foi, em Portugal o grande difusor dos nacionalistas galegos, do Renascimento literário galego e do ‘Galeguismo’” (Camelo, 1985: 191); no entanto, remata o artigo lançando uma pergunta: “Terminaria aqui a acção galeguista de Alfredo Guisado?...” (*id.*: 196). A seguir trataremos de responder parcialmente a esta pergunta.

A Semana Portuguesa na Galiza

A primeira notícia encontrada sobre a organização da Semana Portuguesa na Galiza, aparece na revista *Seara Nova* no artigo de José Osório de Oliveira “Galiza e Portugal” (1/11/1928), onde se apoia a iniciativa lançada por Evaristo Correa-Calderón desde *El Liberal* de Madrid de organizar uma Semana Portuguesa na Galiza⁴. Mas será o *Diário de Notícias*, com destaque para António Ferro, que irá apoiar mais decididamente a iniciativa assim como protagonizar as polémicas que irão surgindo em Portugal e que inevitavelmente repercutirão, como se verá, na Galiza.

Com efeito, desde inícios de 1929 o *Diário de Notícias* inicia uma campanha de propaganda empenhada na realização da Semana Portuguesa na Galiza após a publicação de uma carta de Alfredo Guisado em começos de Janeiro (Guisado, 1929a). Na carta, Alfredo Guisado pede para o jornal lisboeta não esquecer a organização da semana galega, argumentando ser necessário “o nosso País [por Portugal] se fazer representar lá fora” ao passo que considera fundamental estabelecer as pon-

em Lisboa. A esta colectivo de emigrantes galegos em Lisboa consideramos pode ser aplicada a noção de *enclave*, isto é, como uma “seçom do sistema cultural situada num território geograficamente afastado do da comunidade originária, configurando um espaço no qual as pessoas e as instituições presentes mantêm relações específicas entre elas e com os seu homólogos da metrópole” (Samartim e Cordeiro, 2008). Deste modo, a Galiza será a *metrópole* do enclave galego de Lisboa que, por sua vez, experimentará as tensões e tomadas de posição da metrópole. Para as outras ferramentas metodológicas utilizadas neste trabalho *vid.* Torres, 2004.

³ O agrarismo, segundo Miguel Cabo Villaverde, é um “complexo movimento que tenta mobilizar un grupo social, como era o campesinado, que ata aquela non atopara unha expresión propia dos seus intereses, con vistas á consecución dun amplo abano de metas que principalmente poden se resumir en dúas aspiracións: a obtención das condicións que fagan factíbel a sobrevivencia da pequena explotación familiar no marco dunha economía capitalista cada vez mais invasiva, e a articulación política dos intereses do campesinado parcelario galego, ata polo en pé de igualdade cos doutros complexos agrarios existentes no Estado español e cos doutros grupos sociais” (Cabo, 1998: 11).

⁴ Cfr. *El Pueblo Gallego*, 6/11/1928, p. 1.

tes que possibilitem um maior conhecimento directo entre os agentes dos dois lados do Minho, referindo o nome dos galegos Rosalia de Castro, Curros Enríquez, Amado Carballo e Ramón Cabanillas. Na mesma carta, Alfredo Guisado aponta António Ferro como principal impulsor da Semana quando escreve:

Estou convencido que Antonio Ferro [...] não se esquecerá e dela tratará com aquele cuidado e com aquele brilho com que lhe costumamos ver tratar todos os assuntos que lhe merecem interesse (*vid.* Anexo I)⁵.

Lembre-se a este respeito que a relação entre Alfredo Guisado e António Ferro vem dos tempos de *Orpheu*. De facto a *ruptura*, real ou fictícia, com o grupo encenada em carta dirigida ao jornal *O Mundo* em Julho de 1915 foi assinada conjuntamente por A. Guisado e A. Ferro. Em 1919, Alfredo Guisado, já muito próximo do galeguismo metropolitano, em carta publicada n' *O Jornal* pedia ao António Ferro para “dizer duas palavras [em *O Jornal*] em favor daquela pobre Galiza de quem ninguém fala, de quem todos se riem e que foi a Patria de Rosalia Castro e de Curros Enríquez?” (Guisado, 1919).

É de notar que as propostas de Alfredo Guisado obtiveram uma resposta positiva designadamente no *Diário de Notícias*, (cfr. nota 5), e que António Ferro assumirá um papel principal na organização da Semana desde o mesmo jornal. Por outro lado, é notória a adesão de agentes galegos implicados na construção do antes aludido emergente campo cultural galego se verificarmos o seguimento prestado pela imprensa galega (galeguista ou próxima do galeguismo) consultada⁶: *A Nosa Terra*⁷, *Nós*⁸ e, nomeadamente em *El Pueblo Gallego*, jornal em que intervinham com frequência agentes do galeguismo; note-se, que a carta de Guisado é referida neste jornal já no dia a seguir da sua publicação no *Diário de Notícias* (cfr. *El Pueblo Gallego*, 4/01/1929, p. 5)⁹.

⁵ A resposta do *Diário de Notícias* aparece no mesmo artigo: “O «Diário de Notícias» está inteiramente de acordo com o conteúdo da carta de Alfredo Guisado e promete, com palavras e com factos, fazer todo o possível para que a Semana Portuguesa na Galiza deixe de ser um sonho para ser uma certeza, a certeza da eterna fraternidade que liga os dois povos” (*Diário de Notícias*, 3/01/1929, p. 1)

⁶ O próprio *Diário de Notícias* interessado em capitalizar a iniciativa recolhia assim as reacções na Galiza: “Os jornais acolhem com entusiasmo o alvitre do ‘Diário de Notícias’ para ser celebrada na Galiza a ‘Semana Portuguesa’” (*Diário de Notícias*, 24/01/1929, p. 1).

⁷ *A Nosa Terra*, a publicação periódica mais próxima dos postulados nacionalistas, acolhe assim a iniciativa: Na próxima primavera vanse celebrar a ‘Semán Portuguesa’ en Galicia e a ‘Semán Galega’ en Portugal, acontecimento xurdiu na historia dos dous pobos irmáns. Compre ir preparando a labor, que non falle ninguém. Agarimo, cordialidade fonda, para acoller aos embaixadores portugueses. Esmero e bon escollimento para levar a eles o millor da nosa cultura e a exaita amostración das arelas galegas” (*A Nosa Terra*, 1/03/1929, p. 1).

⁸ *Nós*, outro dos instrumentos dos nacionalistas, recebe assim a iniciativa: No número derradeiro demos noticia da Semán Galega que preparan pra celebrar no Porto na próxima primavera valiosos elementos d’aquela Universidade e mais o Seminario d’Estudos Galegos. Tamén se prepara unha Semán Portuguesa en Galiza, en cuia orgaizazón intréanse moitos ben coñecidos inteleituás lisboetas, como Antonio Ferro, Alfredo Pedro Guisado, João Antunes, e outros, e a prol da que pon todo o seu valimento o Diário de Notícias de Lisboa. Un pasado mais d’achegamento fraterno, que NÓS acolle con fonda ledicia (*Nós*, 63, 15/03/1929, p. 56).

⁹ Segundo *El Pueblo Gallego* e em relação à carta:

El señor Guisado, descendiente de padres gallegos, manifiesta que en su reciente viaje por Galicia ha tenido ocasión de cambiar impresiones acerca de esta idea, que varios literatos y artistas gallegos, incluso el poeta Ramón Cabanillas, han acogido con entusiasmo ofreciendo su decidida cooperación y proponiendo que después de dicha semana en Galicia se celebre otra semana gallega en Portugal.
[...]

A intervenção de Alfredo Guisado estende-se por seu turno à colónia galega residente em Lisboa. Com motivo de um acto de homenagem a um dos elementos deste colectivo, Alfredo Guisado, segundo recolhe *El Pueblo Gallego*:

aproveché la ocasión para referirse a la Semana portuguesa en Galicia, seguro de que tanto la colonia como la Prensa gallega y valores representativos han de prestar a tal acontecimiento su decidido apoyo (*El Pueblo Gallego*, 2/02/1929, p. 5).

Essa mesma noite, segundo o mesmo jornal, uma comissão de elementos representativos da colónia galega em Lisboa seria recebida na redacção do *Diário de Notícias*, como noticiou o próprio jornal lisboeta com uma fotografia em que aparecem destacados elementos da colónia galega (*Diário de Notícias*, 2/02/1929, p. 1). Verifica-se deste modo a estreita ligação do produtor em foco com o enclave galego de Lisboa, assim como a capacidade deste para se evidenciar como parceiro necessário para a realização da iniciativa em curso.

15 dias mais tarde, Alfredo Guisado volta a intervir no *Diário de Notícias* nesta mesma direcção. Sob o título “Galegos”, Alfredo Guisado pronuncia-se contra o facto de os galegos serem objecto de gracejos de variado tipo em Portugal. Apoiando-se na relação de estreita proximidade linguística entre a Galiza e Portugal, Alfredo Guisado afirma “Ridicularizar [...] os galegos, pela sua lingua, o mesmo será que ridicularizar-nos a nós próprios, falando do nosso glorioso passado literário” (*vid.* Anexo II). Pergunta-se também se a carga pejorativa associada à palavra galego se relaciona com as características da emigração galega em Portugal perante o qual defende muito enfaticamente este colectivo, concluindo “Não, não ha motivo nenhum que justifique o ridículo e o desprezo com que temos durante tanto tempo cercado a palavra-galego” (*vid.* Anexo II)¹⁰.

Esta tomada posição de Alfredo Guisado será saudada pela Assembleia de Juventud de Galicia com um voto de “agradecimento e apoio” e com a reiteração da vontade do colectivo de cooperar na organização da Semana, segundo refere o presidente desta instituição, António Conde Fresco em carta publicada no *Diário de Notícias* (1/03/1929, p. 1), ao passo que aproveitará para introduzir no debate em curso reivindicações dos galegos residentes em Lisboa¹¹.

Mas será na revista do *Diário de Notícias*, *O Notícias Ilustrado*, de 10 de Março de 1929 onde o colectivo de emigrantes galegos em Portugal, nomeadamente o enclave lisboeta, conseguirá notabilizar-se ao receber uma homenagem de reconhecimento. Sob o título “Os galego são nossos irmãos!” *O Notícias Ilustrado*, explica o número especial:

La semana portuguesa en Galicia será la apoteosis de esta amistad verdadera y desinteresada (*El Pueblo Gallego*, 4/01/1929, p. 5).

¹⁰ Segundo o *Diário de Notícias* de 25/02/1929, p.1, o galego *Faro de Vigo* reproduz o artigo a 23/02/1929.

¹¹ Assim, Antonio Conde Fresco, em nome de Juventud de Galicia, além de apoiar a organização da Semana Portuguesa na Galiza, manifesta:

Torna-se necessario aperfeiçoar as comunicações para mais facilmente se chegar a esse intercambio. Para se falar entre Lisboa e qualquer terra da Galiza, mesmo com a praça fronteiriça de Tuy, ainda é necessario comunicar-se por via Madrid; tambem seria necessario estabelecer-se comboios rápidos com carruagens-leitos para facilitar a viagem da Galiza através de Portugal para Sevilha e vice-versa. A construção de uma ponte sobre o Minho que unisse directamente Monção e Salvatierra é tambem uma iniciativa que, além de fomentar o desenvolvimento das povoações fronteiriças, muito facilitaria o desenvolvimento do turismo entre os dois países.

Não menos importante a necessidade que existe de que os jornais portugueses possam ser lidos (o que não acontece actualmente) em qualquer localidade da Galiza (*Diário de Notícias*, 1/03/1929, p. 1).

Dá com este número a sua comovida colaboração nessa homenagem à colónia galaica que em Portugal tem tão numerosa representação. Irmãos de raça, na actividade, galegos e portugueses irmanam-se na sua intimidade sã e cordial (*O Notícias Ilustrado*, 10/03/1929, p. 5).

Na extensa atenção dedicada aos galegos, a revista do *Diário de Notícias* insere fotografias onde aparecem galegos desempenhando os ofícios que muitos exerceram durante o século XIX e parte do XX, e que seriam um factor fundamental na elaboração do estereótipo negativo dos galegos em Portugal (vid. Anexo V)¹². Mas o “Número extraordinário dedicado à colónia galaica” longe de insistir nas imagens menos amáveis para com os galegos residentes em Portugal, inclui também na sua homenagem uma secção dedicada aos “Artistas e Poetas Filhos de Galegos”, dentre os quais Alfredo Guisado e também, ao lado de imagens de paisagens galegas (Santiago de Compostela, Ponte-Vedra e Corunha), retratos da “Grandes Figuras da Colónia”, isto é, galegos destacados na indústria e no comércio lisboetas. Figura igualmente na revista uma página dedicada a “poesias galegas”, onde aparece o texto guisadiano “A voz de Galícia” publicado em 1921 em *Xente d’a Aldea. Versos Gallegos*. Na página 15, o próprio Alfredo Guisado colabora com o artigo “Nós e a Galiza” (Guisado, 1929c). Nesta ocasião, apoiando-se numa extensa citação do conhecido discurso de Manuel Murguia, pronunciado nos Jogos Florais de Tui de 1891, Alfredo Guisado felicita-se pela iniciativa d’*O Notícias Ilustrado* e põe em destaque as semelhanças entre a Galiza e Portugal: “A casa é a mesma, separa-a apenas uma parede: o Minho” (vid. Anexo III).

A homenagem do *Diário de Notícias* à colónia galega tem obrigatoriamente de se relacionar com o aumento significativo da relevância social e económica do enclave galego em Lisboa, agora com capacidade económica¹³, interessada em apagar os traços menos amáveis do estereótipo galego em Portugal. Por outro lado, é pertinente notar que este, perante as várias estratégias que eventualmente teria ao seu dispor, assume parte dos postulados caros ao nacionalismo galego (e também a alguns grupos nacionalistas portugueses), dentre os quais, a ideia da estreita proximidade cultural e linguística entre galegos e portugueses (cfr. Torres, 1999; Villares, 1983). Neste quadro explicam-se as sucessivas tomadas de posição de Alfredo Guisado.

Alfredo Guisado volta a intervir novamente em Março no *Diário de Notícias*, com o artigo “Rosalia Castro” (Guisado, 1929d; vid. Anexo IV), produtora muito presente na produção guisadiana, onde realiza, como já era prática assente no emergente campo literário galego, uma defesa da centralidade da escritora galega.

O produtor em foco participa todavia, junto com António Ferro e Guerra Pais, na viagem pelas principais cidades galegas com o objectivo de preparar a Semana, como noticiam o *Diário de Notícias*¹⁴ e *El Pueblo Gallego*.

A tomada de posição da *Seara Nova*, por meio dum artigo de Joaquim Osório de Oliveira em Abril (1/04/1929), provocará alterações radicais no desenvolvimento dos acontecimentos. Sob o título “A semana portuguesa na Galiza”, Osório de Oli-

¹² Sobre o estereótipo dos galegos em Portugal vid. Rodríguez e Torres, 1994.

¹³ De facto esta capacidade económica parece ser um dos factores por trás da acolhida do *Diário de Notícias* às reivindicações dos galegos em Lisboa. Os nomes dos proprietários das casas comerciais com publicidade em, por exemplo, o número especial dedicado a esta comunidade pelo *Notícias Ilustrado*, assim o indica.

¹⁴ “A Semana Portuguesa na Galiza”, 20/03/29, p. 1. Indica-se que A. Ferro, A Guisado e Guerra Pais partem nesse dia para a Galiza para preparar a Semana.

veira, sem contestar a necessidade da Semana Portuguesa na Galiza afirma ser mais pertinente a realização de uma Semana Galega em Portugal, que por outra parte já estava a ser organizada a partir de uma iniciativa do Seminário de Estudos Gallegos de Santiago de Compostela¹⁵. Podemos ler no texto de Osório de Oliveira:

O que não está certo, o que não pode ser, o que não pode, pelo menos, passar sem o nosso protesto [...] é que essa ideia tão simpática e tão generosa se transforme num instrumento de propaganda do *Diário de Notícias* e num meio do sr. António Ferro satisfazer a sua vaidade e as suas ambições. Os galegos conhecem-nos e não se deixam enganar pelo sr. António Ferro, mas o emissário do *Diário de Notícias*, servindo-se desta ideia impudicamente, como de todos os assuntos, para fazer o seu 'réclame', estragará o projecto, destruirá o sonho de galegos e dos portugueses sinceros, e cobrirá de ridículo, como sempre, as nossas aspirações (Oliveira, 1929).

Os ataques a António Ferro continuarão desde as páginas da *Seara Nova*, até ao ponto de ridicularizar abertamente um texto de Ferro aparecido no *Diário de Notícias* intitulado "Uma entrevista com a paisagem galega..."¹⁶ no número 157. No número 203 da mesma revista, Manoel Mendes, sob o título "Carta aberta a alguns amigos" afirma sobre A. Ferro "Tem, pelo menos, vinte quilos a mais para se poder aventurar a certos arrojados de destreza que o tornam ridículo"; no mesmo artigo:

António Ferro ao entrevistar, [...] em Madrid, o poeta galego Correa Calderón, sobre a moderna literatura portuguesa¹⁷, consentiu, sem protesto, que fôssem subtraídos os nomes de Aquilino, Câmara Reys, Cortesão, Proença, Raúl Brandão, Sérgio e outros desta casa, o que levou o entrevistado a reclamar¹⁸.

É evidente que estas tomadas de posição encenam lutas internas no campo cultural português que pouco ou nada têm a ver com a organização da Semana Portuguesa na Galiza. No entanto, sim vão influir decisivamente no rumo dos acontecimentos na Galiza. Por outro lado, a atenção do *Diário de Notícias* dedicada à Galiza iria mostrar-se impossível para os interlocutores galegos, pois se bem continua nos meses de Março e Abril e seguintes a abraçar a iniciativa, introduz notas contraditórias ao lançar abertos elogios ao ditador Miguel Primo de Rivera, contrário na prática aos movimentos nacionalistas chamados *periféricos*, entre os quais o galego¹⁹.

Deste modo, a reacção de um dos mais destacados agentes galegos não se fez esperar. Concretamente, em artigo publicado em *El Pueblo Gallego*, Antón Villar

¹⁵ Cf. "La Gran Semana Gallega en Oporto", *El Pueblo Gallego*, 27/01/1929, p. 1.

¹⁶ *Diário de Notícias*, 11/04/29, p. 1.

¹⁷ Refere-se à entrevista de A. Ferro a Correa-Calderon publicada no *Diário de Notícias* a 21/03/29, "A Semana Portuguesa na Galiza", pp. 1 e 10.

¹⁸ Nas páginas do *Diário de Notícias* A. Ferro já tinha sentido a necessidade de legitimar a sua presença na organização da Semana Portuguesa na Galiza: "Exteriorizar uma iniciativa, dar-lhe força, não significa chamá-la a si nem monopolizá-la" (2/03/29, p.1).

¹⁹ Neste sentido, por exemplo, no número 62 d' *O Notícias Ilustrado*, significativamente aparecem na p. 14 uma fotografia de Ramón Cabanillas e Júlio Dantas em Mondariz e outra do ditador acompanhada de calorosos elogios. O próprio A. Ferro, enviado especial em Madrid, iria questionar o ditador sobre a Semana; a resposta:

Uma ideia excelente que merece todo o apoio do meu governo. É preciso que o povo português e o povo espanhol se visitem com mais frequência... É natural que essas visitas comecem pelas fronteiras. E eu compreendo, perfeitamente, a amizade de Portugal pela Galiza; uma amizade de bons vizinhos... Oxalá eu esteja em Mondariz quando se realizar essa admirável iniciativa (*Diário de Notícias*, 14/04/1929, p. 5).

Ponte, que até a data se tinha manifestado nas páginas deste jornal totalmente favorável a organização da Semana²⁰ e que fazia parte da Comissão corunhesa, escreve:

Desde Paris recibo novas de don Bernardino Machado, e d'Aquilino Ribeiro, Corteção, António Sérgio, Raúl Proença, Domingues Santos e outros lusos ilustres que teñen grande prestixio no seu país e que son os verdadeiros dirixentes da “Seara Nova”. Agora sei que eles que moito estiman a Galicia coidan que ceçais non sexa o momento mais oportuno o d'agora para facer isas Semanas galega e portuguesa que se veñen orgaizando [...] E [...] faltando a sua colaboración, para min do mais estimábel de Portugal, eu sinto valeiro de fervor o meu espírito para colaborar como n'aquelas semanas (“Un criterio respetabel”, in *El Pueblo Gallego*, 15/05/1929, p. 1).

A tomada de posição de Villar Ponte, na altura envolvido em movimentos políticos que viriam a possibilitar a queda de Primo de Rivera, é solidária com os seareiros exilados; o significativo aqui, porém, é o facto de provocar que aquelas instituições e agentes galegos envolvidos na organização da Semana na Galiza deixassem de participar activamente na mesma, e segundo a informação de que dispomos, frustrar a realização da própria Semana. Do mesmo modo, não foram encontradas, nas nossas pesquisas, mais intervenções de Alfredo Guisado, verificando-se deste modo um silenciamento por parte do produtor em foco. De facto, Alfredo Guisado não vai figurar na Comissão da Semana Portuguesa na Galiza que o director do *Noticias Ilustrado*, Leitão de Barros vai apoiar incondicionalmente dois meses após o artigo de Villar Ponte²¹.

Nota final

A modo de conclusões e respondendo à pergunta formulada por Fernandes Camelo em 1985: À luz do até aqui dito, e no que se refere ao ano 1929, Alfredo Guisado participa activamente na organização da malograda Semana Portuguesa na Galiza, desempenhando um papel central nos trabalhos de propaganda e organização da citada Semana, como já tinha feito em épocas anteriores quando ainda não estava remetido à oposição democrática à ditadura militar. Por outro lado, é patente como o enclave galego de Lisboa, agora expressivamente fortalecido, se associa à iniciativa; neste quadro, Alfredo Guisado, descendente de emigrantes galegos e com lugar proeminente no âmbito da colónia galega, volta a notabilizar-se como um dos agentes necessários para a coordenação das iniciativas galaico-portuguesa, neste caso a Semana Portuguesa na Galiza, caras ao nacionalismo galego e a sectores do nacionalismo português. Por sua vez, o produtor em foco, que matem uma intensa relação com agentes do galeguismo²² actua em consonância com os postulados deste deixando de intervir quando desde a Galiza este descarta a colaboração com o *Diário de Noticias* e António Ferro.

²⁰ Cfr., por exemplo, “Tres empresas considerables” in *El Pueblo Gallego*, 3/04/1929, p. 1.

²¹ Em “Pela Semana Portuguesa na Galiza. Os grandes valores galegos” afirma-se:

O «Noticias Ilustrado» que, na pessoa do seu director sr. Leitão de Barros, se acha representado na Grande Comissão da Semana Portuguesa na Galiza da qual fazem parte muitos valores portugueses, e entre eles os jornalistas Abel Moutinho, António Ferro, Cristovam Ayres, Ferreira de Castro, Norberto de Araujo, que agora nos lembram, dá o seu apoio incondicional ao grande certame de entendimento, de carinho e de homenagem às altas qualidades do povo galego (*O Noticias Ilustrado*, 2/06/1929, p. 16).

²² Desta relação com os agentes mais salientes do galeguismo dá notícia o desenho inédito de Castelao (hoje propriedade da família Guisado, baptizado por esta como “O homem do organilho”), datado em 1929. Agradeço aqui ao Eng. António Guisado, entre outros favores, o envio de uma cópia do desenho utilizada para este trabalho e exposta aquando da comunicação lida no Congresso da AIL na Madeira em 2008.

Referências bibliográficas

- ALONSO Estravis, Isaac (1980): “Un poeta galego descoñecido” in *Grial*, 69: 349-353.
- CABO Villaverde, Miguel (1998): *O Agrarismo*, Vigo, Edicións A Nosa Terra.
- CAMELO, José António (1985): “Do galeguismo de Alfredo Pedro Guisado ou Pedro de Menezes” in *Agália*, 2: 191-196.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 1928-1929.
- LOPES, Óscar (1973): *História Ilustrada das Grandes Literaturas. VIII. Historia da Literatura Portuguesa*, vol. II. Época Contemporânea, Lisboa, Estudos Cor, pp. 715-717.
- GUISADO, Alfredo e FERRO, António (1915): “Os do «Orfeu»” in *O Mundo*, 7/07/1915.
- GUISADO, Alfredo (1919): “Uma Aldeia Galega na Flandres” in *O Jornal*, 3/12/1919 [carta; sob o pseudónimo Pedro de Menezes].
- _____ (1921a): *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos*, Paris-Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand.
- _____ (1921b): *A Lareira – o Tio Xan*, in *El Tea*, 23/06/1921, p. 2.
- _____ (1929a): “A Semana Portuguesa na Galiza” in *Diario de Noticias*, 3/01/1929, p. 1 [carta].
- _____ (1929b): “Galegos” in *Diario de Noticias*, 17/02/1929, p. 1.
- _____ (1929c): “Nós e a Galiza” in *O Noticias Ilustrado*, 10/03/1929, p. 15.
- _____ (1929d): “Rosalia Castro” in *Diario de Noticias*, 13/03/1929, p.1.
- NÓS*, 1929.
- NOSA TERRA (A)*, 1929.
- NOTÍCIAS ILUSTRADO (O)*, 1929.
- OLIVEIRA, José Osório de (1928): “Galisa e Portugal” in *Seara Nova*, 1/11/1928, p. 290.
- _____ (1929): “A semana portuguesa na Galisa” in *Seara Nova*, 1/04/1929, p. 174.
- PUEBLO GALLEGO (EL)*, 1928-1929.
- RODRÍGUEZ, José Luis e TORRES Feijó, Elias J. (1994): “A Galiza e os galegos na prosa de Camilo” in *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos*, Coimbra, Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, pp. 707-727.
- _____ e CORDEIRO Rua, Gonçalo (2008): “O Pensamento Cultural Galego em Referência a Portugal: Posição e Função de Ideias e Grupos no Tardofranquismo e na Transição” in *Actas do I Congresso Internacional ‘O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000’*, Lisboa, IN-CM [25 pp.; no prelo].
- SEARA NOVA*, 1928-1929.
- TORRES Feijó, Elias J. (1999): “Cultura Portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891)” in *Ler História*, 36: 273-318.
- _____ (2004): “Contributos sobre o objecto de estudo e metodologia sistémica. Sistemas literários e literaturas nacionais” in Abuín González, Anxo e Tarrío Varela, Anxo: *Bases metodológicas para unha historia comparada das literaturas da península Ibérica*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 423-444.
- VILLARES, Ramón (1983): “As relacións da Galiza con Portugal na época contemporânea”, in *Grial*, 81: 301-314.

Anexos

I

[A Semana Portuguesa na Galiza]

[...]

Sr. Eduardo Schusibach. – Meu prezado amigo: – Há semanas o «Diario de Noticias» levantou, nas suas colunas, a curiosa ideia da realização de uma Semana Portuguesa na Galiza, ideia que vinha de há muito sendo acarinhada por Antonio Ferro, com quem tive ocasião de trocar, varias vezes, impressões a esse respeito. Na Galiza, onde me demorei numa larga cura de repouso, pude falar com Ramón Cabanillas, hoje um dos nomes mais brilhantes da literatura galega, e fiz-lhe saber o que se pensava levar a efeito. Acolheu a ideia com grande satisfação. Falou-me demoradamente dos nossos poetas, citando nomes, citando livros, recitando até algumas poesias; falou-me no interesse com que certamente seria recebida em toda aquela região, essa iniciativa; falou-me ainda da necessidade de depois se realizar também em

Portugal uma Semana Galega, dando assim a conhecer o que é a Galiza intelectual e artística, que a maioria do nosso povo desconhece.

E, ao despedir-me, abraçando-me, disse que podia contar com a sua colaboração e com o seu entusiasmo.

Nessa mesma ocasião, em Madrid, Antonio Ferro conversava com Correa Calderon sobre a mesma ideia. Alguns jornais daquela cidade e de Vigo falaram no assunto. Pensou-se em chamar, por alvitre do marquês de Quintanar, a essas festas, as «festas da fronteira». Alguma vez o «Diario de Noticias» se referiu a elas, ao que foi secundado por mais alguns jornais da capital, e depois todo ficou no mais completo silencio, naquele silencio que é quasi sempre a guarda avançada do esquecimento.

O que pretendo eu com esta minha carta? Apenas pedir-lhe, sr. director, que esse silencio se não prolongue e que o «Diario de Noticias» continue acarinhando e animando a realização dessa ideia, para assim e mais uma vez o nosso Pais se fazer representar lá fora, se dar a conhecer, fazendo desse modo a sua propaganda intelectual. É possível que muita da nossa gente se alheie, se sorria e encolha os ombros, calculando que a velha Galiza pouco nos pode interessar. É um engano. A Galiza hoje é uma das regiões espanholas que mais avançam, que se modernizam maior rapidez e que se desenvolvem com maior facilidade. A sua literatura é qualquer coisa de importante e nela se encontram nomes que merecem admiração, como o de Rosalia Castro, que a nossa ilustre artista sr.^a D. Amelia Rey Colaço com tanto carinho tem divulgado, recitando os seus versos; o de Curros Enriquez, que nos seus livros agitou a sensibilidade patriótica da sua região; o de Amado Carballo, que a morte ceifou em plena mocidade e que aliou á sua inspiração o arrojado das suas imagens; o de Ramón Cabanillas, a quem nesta minha carta já me referi e que sendo autor de mais de uma dezena de livros escritos em galego, viu ainda há pouco tempo o seu talento premiado pela Academia Espanhola, que lhe abriu as suas portas. E, ao lados dos poetas e dos novelistas, dramaturgos, pintores, escultores, jornalistas, toda uma admirável geração de artistas que desconhecemos e que se é interessante que a conheçamos, é, sobretudo, necessario que nos conheça. Não deixe no esquecimento, meu prezado amigo, a ideia que o seu jornal lançou há semanas.

Estou convencido que Antonio Ferro, que tantas vezes me tem falado da Semana Portuguesa na Galiza, não se esquecerá e dela tratará com aquele cuidado e com aquele brilho com que lhe costumamos ver tratar todos os assuntos que lhe merecem interesse, como convencido estou também que toda a imprensa portuguesa secundará essa iniciativa no intuito patriótico de mais uma vez triunfar lá fora o bom nome da nossa terra.

Creia-me sempre-De V., etc., *Alfredo Guisado*
[...]

“A Semana Portuguesa na Galiza” in *Diário de Noticias*, 3/01/1929, p. 1.

II Galegos

Antonio Ferro, que é uma pena brilhante, num admirável artigo publicado há dias sobre «A Semana Portuguesa na Galiza», refere-se a mim com palavras que muito agradeço, se bem que compreendo serem devidas sómente á sua velha amizade. O que é certo é que me obriga a escrever mais algumas palavras sobre o assunto, eu que, com uma simples carta, quis apenas não deixar no esquecimento uma iniciativa que pode ser mais um grito de orgulho de nossa Raça em terra de além-fronteira e, sobretudo, naquela que, por muitos motivos, se parece mais com a nossa, quer pela alma e sentimento do seu povo, quer pela semelhança dos seus usos e costumes. Como conheço bem a Galiza e como como conheço também o que são e o que valem os galegos, lamento que, por vezes, nós, portugueses, sejamos tão desagradáveis para com eles.

Sim, porque temos de confessar, a palavra-galego-anda constantemente cercada no nosso vocabulário dum grande desprezo e dum profundo ridículo. Sucede muitas vezes, quando se chega ao insulto, atirar com essa palavra por se supôr que ela encerra uma das mais agressivas e violentas ofensas. Já até tem acontecido aparecer nas colunas de alguns dos nossos diários como o termos encontrado que melhor pode amesquinhar determinado cidadão.

Em Espanha sucede o mesmo também. Qual será a causa? O ilustre escritor D. Eugenio Carré Aldao, num dos seus valiosos estudos sobre a literatura galega, explica-a quanto a Castela, porque, quando perdeu Portugal, vindo na Galiza uma enorme semelhança com o nosso país, quer pela raça, quer pela lingua, a alvejou então, por despeito e por vingança, com o seu desprezo; e, quanto a Portugal, porque considerava a Galiza e a considera ainda como um território que devia fazer parte integrante do seu. Se é esta, efectivamente, a causa, não sei; o que é verdade é que os galegos vêm de há muito servindo de assunto para gracejos, por vezes pesados, quer nas conversas, quer nos teatros, quer nos livros ou nos jornais. Será pela lingua que usam? Mas ela é tão semelhante á nossa que, segundo uns, «uma e outra lingua

têm a mesma origem e principio», e, segundo outros, «Portugal recebeu da Galiza lingua, etc.» O proprio Alexandre Herculano, numa carta que dirigiu a Benito Vicetto, em 25 de Julho de 1872, diz que «o português não era mais do que o galego civilizado e aperfeiçoado» e Andrade Ferreira afirma que «a uniformidade da nossa lingua com a galeciana ou galega não provém só da influencia latina e sim da homogeneidade que entre elas sempre houve». Nos velhos cancioneiros a lingua é tão igual que é difficil de responder á pergunta de quantos e quais são os trovadores galegos ou portugueses, porque resistem a todas as investigações. No principio da nossa nacionalidade as linguas portuguesa e galega são de tal modo semelhantes, que há quem afirme que, «durante os quatro primeiros seculos da sua existencia como independente, Portugal não teve outro idioma que não fôsse o galego primitivo e, por conseguinte, em galego estão escritos todos os monumentos da literatura portuguesa anteriores ao seculo XV». Ainda hoje, entre as lingua portuguesa e galega, apesar daquela ter evoluçionado e desta ter cristalizado, se encontram enormes semelhanças. O mesmo sucede com ambas literaturas, o que nos demonstra que tiveram a mesma origem. É por isso que quando a nossa ilustre artista sr.^a D. Amelia Rey Colaço, senhora de grande cultura, recita as encantadores poesias de Rosalia Castro, chovem sobre ela os mais entusiasticos aplausos, numa demonstração de que sabemos compreender a ternura, a inspiração e a beleza desses versos que, quando os ouvimos, sabem a terem sido sentidos por uma alma igual á nossa.

Ridicularizar, portanto, os galegos, pela sua lingua, o mesmo será que ridicularizar-nos a nós proprios, falando do nosso glorioso passado literario.

Então será pela sua gente? Não encontro ainda o motivo, porque, se é certo que muitos daqueles que a sua emigração envia para a nossa terra em busca de fortuna por vezes não têm uma educação e uma cultura que seria para desejar, não menos certo é tambem que isso sucede com os emigrantes de todos os outros países e não nos merecem uma critica tão mordaz nem uma tão ironica perseguição. A colonia galega, salvo algumas excepções, é uma colonia honesta e laboriosa, que sabe sentir como nenhuma outra todas as dores e todas as alegrias que nós, portugueses, sofremos e a nosso lado se encontra sempre para nos defender com carinho e com dedicação quando, porventura, nos pretendem atacar. É certo que entre os individuos que compõem essa colonia alguns ha que, pela falta de aptidões ou pela ansia de encontrarem trabalho, se submetem a angariar o pão de que necessitam em trabalhos que ainda mais os sujeitam ao ridiculo, mas isso não significa que sirva de regra para ser julgada uma colonia, por sinal das mais numerosas que se encontram em Lisboa. Não, não ha motivo nenhum que justifique o ridiculo e o desprezo com que temos durante tanto tempo cercado a palavra-galego.

O *Diario de Noticias*, levantando a iniciativa da realização duma «Semana Portuguesa» em terras de além-Minho, dando assim a conhecer naquela região, onde ha grandes artistas e admiraveis literatos, o que somos e o que valemos, muito ha-de contribuir para o conhecimento e respeito mutuos entre os dois povos.

Alfredo Guisado: “Galegos” in *Diário de Notícias*, 17/02/1929, p. 1.

III Nós e a Galiza

Começa a fazer-se justiça à Galiza e aos galegos. Já se desenha uma forte corrente que os defende e que os coloca no seu verdadeiro lugar. É uma terra que vive tão perto de nós que lembra uma linda vizinha que habitasse uma casa cujo telhado fosse o mesmo e de cujas janelas se avistasse o mesmo mar e a mesma paisagem e sentisse dentro de si a mesma ternura e a mesma saudade. A casa é a mesma, separa-a apenas uma parede: o Minho.

É contudo uma parede tão estreita e tão pouco alta que se ouvem as palavras que se pronunciam do outro lado e quasi que até o ruído dos passos; que se vê passar essa vizinha pela beira dos rios e pela sombra dos pinhais como uma inquieta aldeã em busca dum passado que não consegue encontrar. E a sua voz é tão semelhante à nossa que a ela se referia, com as seguintes palavras, o grande historiador galego Manuel Murguia no discurso pronunciado em Tuy, quando dos Jogos florais da Galiza naquela cidade realizados em 24 de Junho de 1891.

«O nosso idioma! O que falaron nosos pais e vamos esquencendo, o que falan os aldeans e nos hachamos à ponto de non entendelo; aquel en que cantavon reyes e rovadores; o que, filho maior da patria gallega, nol'a conservou e conserva com'un don da providencia; o qu'ainda tem nos nosos labres as dozuras eternas e accents que van ô corazón; o que agora oides como se fose un himno religioso; o hermoso, o nobre idioma que d'outro lado de esse rio é léngua oficial e serve á mais de vinte millions d'homens e ten un-ha literatura representada pol-os nomes groriosos de Camoens e Vieira, de Garrett e d'Herculano; o gallego, en fin, que nos dá dereito à enteira posesión da terra en que fomos nados, que nos di que pois somos un pobo distinto, debemos selo; que nos promete o porvir que procuramos, e os dé a certeza de qu'ha de ser fecundo en ben pra nos todos».

Nas palavras do falecido presidente da Academia Galega, uma das mais ilustres figuras da literatura da sua região, passa todo o desejo de reviver o passado, todo o seu patriotismo, toda a ancia de alcançar para a sua terra, que muito adorava, o bem estar, a liberdade e o sossego necessários para o seu engrandecimento.

Nós, portugueses, começamos a prestar-lhe justiça. Com a realização da «semana» que se anuncia, vamos mais de perto conhecer a patria de Rosalia e de Curros, de Murguia e de Cabanillas e aí vamos ter o ensejo de, sentindo palpitar mais perto a alma galega, conhecermos a estima que por nós sente, estima que se desenha a todo o momento e em todos os actos da colona que vive a nosso lado, e a quem o «Notícias Ilustrado» presta homenagem dedicando-lhe o seu numero de hoje.

Alfredo Guisado: “Nós e a Galiza” in *O Noticias Ilustrado*, 10/03/1929, p. 15

IV Rosalia de Castro

Dizia Castelar: —«Rosalia, pelos seus livros de versos galegos, é um astro de primeira grandeza nos vastos horizontes da arte espanhola.» Efectivamente Rosalia Castro, que muito amou a sua terra e a soube sentir e cantar com ninguem, é uma das maiores figuras da literatura galega e talvez uma das maiores poetisas da Peninsula. Na sua obra sente-se o esquecimento em que mergulharam a sua região, adivinha-se o sofrimento de uma raça, encontra-se, enfim, em muitos dos seus versos, uma infinita tristeza, como se em cada poesia houvesse um grito e em cada letra se desenhasse uma sentida lagrima. Os seus versos, ela propria o diz, «escritos n'as soidades d'a natureza e d'o meu corazón, fillos cativos d'as horas de enfermidade e d'ausencias, reflexas, quaisais com demasiada sinceridade, o estado d'o meu espirito un-has veces, outras a miña natural disposición (que n'en balde son muller) á sentir como propias as penas alleas.»

Não deixou de cantar nos seus livros nem a tristeza dos que abandonam o lar para buscarem fortuna, numa luta constante em países desconhecidos, nem as comoventes despedidas dos que ficam e daqueles que talvez não voltem mais, nem o encanto das campinas verdejantes, nem a ternura e o sentimento que cercam a alma galega nas canções dolentes com que as moçoilas embalam a luz inquieta das tardes de Outono e os ecos adormecidos da paisagem. A saudade, a nostalgia, a tristeza da Raça, tudo passa nos versos da imortal poetisa. Jámais alguém a poderá suplantar, como diz Carré, no seu carinho pela sua terra.

E a juntar ao seu talento uma teimosa e sincera modestia que ainda mais engrandeceu o seu nome. Quando publicou o seu primeiro livro, um livro admiravel-«Cantares Galegos»-«o livro mais sincero da poesia galega», na opinião da Pardo Bazán, foi devido á insistencia de alguns amigos da familia que lho mandaram imprimir, e para isso mesmo muito foi preciso insistir para que permitisse que ele fôsse publicado com o seu nome, motivo pelo qual esteve detido largo tempo na tipografia, até que conseguiram o seu consentimento. O exito desse livro foi enorme e a critica a ele se referiu com os maiores elogios, tendo sido alguns dos seus versos imediatamente traduzidos para catalão.

E tão admirados eles foram que, pouco depois, em 1867, quando se realizaram em Barcelona os jogos florais, Rosalia Castro foi a única escritora convidada. Um dos grandes poetas catalaes escreveu-lhe pedindo-lhe para que não faltasse, porque ela seria a rainha da festa. Tanto bastou para que terminantemente se recusasse a aceitar o convite.

E indiferentemente se conservou aos elogios e aos aplausos que rodeavam o seu livro, elogios e aplausos que se repetiram quando da publicação de «Follas Novas», um outro belo poema que, no dizer de Castelar, «se a literatura galega não tivesse nenhum outro livro, este lhe bastaria para o seu orgulho e para a sua gloria». «Gardados estaban ben podo decir que para sempre estes versos,-escrevia ela-e xustamente condenados pol-a sua propria indole á eterna olvidanza, cando, non sin verdadeira pena, vellos compromisos obrigaronme a xuntalos de presa e correndo ordenalos e dalos á estampa.»

Estes dois volumes de versos galegos, sinceramente sentidos, dum lirismo encantador e duma adoravel ternura e a sua conhecida modestia e bondade deram-lhe uma tal aureola de gloria e de carinho que hoje não ha na sua região uma boca que não pronuncie o seu nome como quem o reza, nem uma só pessoa que o não admire e respeite. Afastada, alheada dos seus triunfos literarios, sózinha, entregue constantemente aos cuidados e trabalhos de sua casa a que era obrigada pelos seus poucos recursos e pela numerosa familia que a rodeava, perseguida por uma longa e pertinaz doença que a não abandonava desde muito nova, pouco a pouco se foi definhando, como ela o parece querer descrever nestes seus encantadores versos:

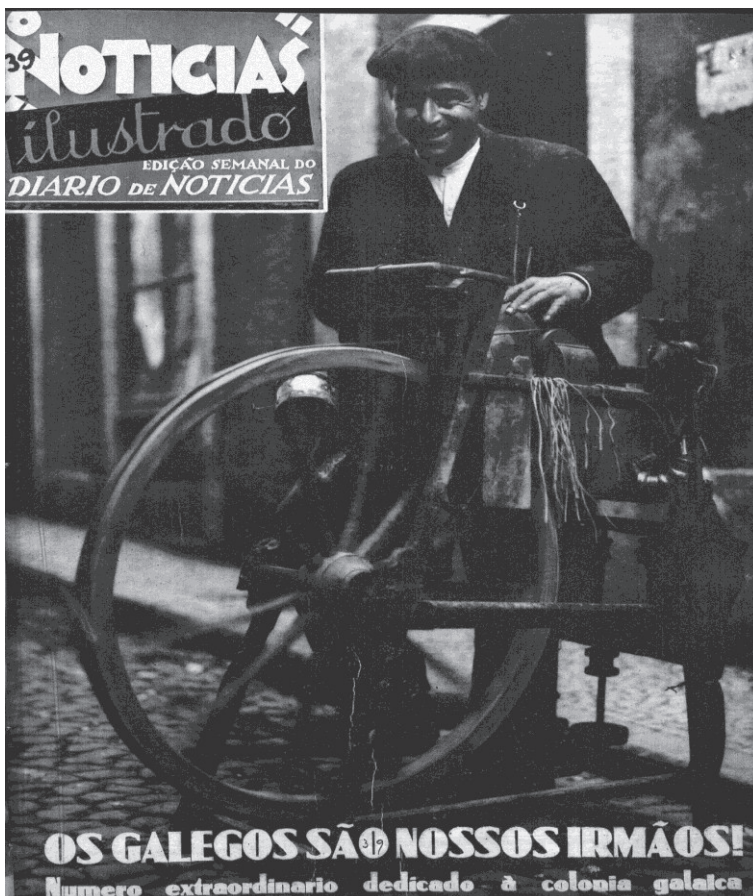
«Fun n'outro tempo encarnada
Com'á color d'a sireixa
Son hoxe descolorida
Com'os cirios d'as igrexas,
Cal si un-ha meiga chuchona

A miña sangre bebera.
 Voume quedando muchiña
 Com' un-ha rosa qu' inverte;
 Voume sin forzas quedando,
 Voume quedando morena
 Cal un-ha mourriña moura,
 Filla de moura ralea.»

E, com pouco mais de 45 anos, lá se foi para sempre abandonando a vida, ao mesmo tempo que a seus fillos recomendava, depois de reunir os seus manuscritos, que queimassem todos aqueles papeis logo que o seu cadaver abandonasse a sua casa. E os fillos obedeceram á última vontade da mãe, mais talvez do que teria sido conveniente. Desse modo, enquanto o corpo sem vida da grande poetisa era conduzido ao cemiterio, debaixo de cujas arvores ela costumava espreitar o sol que tombava sobre a planicie, manchando de luz a casa de seus avôs, todos os seus versos inéditos-e muitos eram eles-admiraveis como só ela os sabia escrever, eram reduzidos pelo fogo a um montão de cinzas, na lareira da sua casa de Padrón, linda e pequena vila que fica na estrada de Sant'Iago, como uma pequenina estrela dessa outra estrada do mesmo nome que se desenha no céu.

Alfredo Guisado: "Rosalia Castro" in *Diario de Noticias*, 13/03/1929, p.1.

V



O Notícias Ilustrado, 10/03/1929, p. 1.